

sobre tudo

GRAMÁTICAS: TIPOS, ANÁLISE E ENSINO DE PRONOMES PESSOAIS

Simone Azevedo Floripi/UTFPR

Giovani Fama de Freitas Morato/UFU

Resumo: Abordamos variadas formas de percepção do termo *gramática* (cf. ANTUNES 2007) e como os pronomes pessoais são trabalhados em livros de gramática comumente usados em escolas a fim de propormos uma abordagem de ensino sob perspectiva metodológica da pedagogia da variação linguística (cf. BORTONIRICARDO 2005, 2011, 2014, 2021 e FARACO 2008, 2015, ZILLES & FARACO, 2017). O presente artigo está dividido em dois eixos: i) o uso do termo *gramática* em algumas concepções normativas e linguísticas (cf. FARACO 2008, 2022) e ii) a descrição dos pronomes pessoais em gramáticas escolares (cf. LOPES, OLIVEIRA e CARVALHO 2016). No primeiro eixo, apresentamos diferentes conceitos teóricos acerca do termo *gramática* e no segundo eixo, consideramos o termo como compêndio gramatical para fazer uma descrição dos pronomes pessoais em gramáticas escolares. Buscamos salientar a forma superficial com que os pronomes são abordados sem uma base linguística ou comparativa. E procuramos trazer subsídios para estabelecer como

professores da educação básica podem entender o termo *gramática* e sua aplicabilidade na língua dentro do cotidiano dos falantes, a partir do emprego dos pronomes. Nesse sentido, apresentamos a aplicação de uma oficina sobre variação estilística a partir de textos de gêneros diversificados. Nela os alunos identificam as formas variáveis de uso dos pronomes (caso reto e oblíquo) pelo viés da variação estilística de acordo com o nível mais ou menos formal da língua (SEVERO, 2014 e da HORA, 2014). Finalmente, remetemos aos resultados das discussões, realizadas na oficina e comentários sobre uma perspectiva de ensino pautada na variação.

Palavras-chave: Ensino de Gramática. Variação Linguística. Pronomes Pessoais. Pedagogia da Variação Linguística.

GRAMMARS: TYPES, ANALYSIS AND TEACHING OF PERSONAL PRONOUNS

Abstract: We address several ways of perceiving the term grammar (cf. ANTUNES 2007) and how personal pronouns are dealt with in grammar textbooks commonly used in schools in order to propose a teaching approach from the methodological perspective of linguistic variation pedagogy (cf. BORTONI-RICARDO 2005, 2011, 2014, 2021 and FARACO 2008, 2015, ZILLES & FARACO, 2017). The present article is divided in two axes: i) the use of the term grammar in some normative and linguistic conceptions (cf. FARACO 2008, 2022) and ii) the description of personal pronouns in school grammars (cf. LOPES, OLIVEIRA and CARVALHO 2016). In the first axis, we present different theoretical concepts about the term grammar and in the second axis, we consider the term as a grammatical compendium to make a description of personal pronouns in school grammars. We seek to point out the superficial way in which pronouns are approached in these compendia

without a linguistic basis. And we seek to bring subsidies to establish how basic education teachers can understand the term grammar and its applicability in the language within the daily life of speakers, based on the use of pronouns. In this sense, we present the application of a workshop on stylistic variation in the communicative process based on texts of diversified genres. In it, students identify the variable forms of pronoun use (straight and oblique pronouns) through the bias of stylistic variation according to the more or less formal level of language (Severo, 2014 and da Hora, 2014). Finally, we present the results of the workshop discussions and comments on a teaching perspective based on variation.

Keywords: Grammar Teaching. Linguistic Variation. Personal Pronouns. Pedagogy of Linguistic Variation.

Introdução

Em trabalhos que envolvem aspectos gramaticais da língua é difícil não abordarmos o termo *gramática*, em suas diferentes concepções. Há variadas formas de compreensão deste termo, pois não se trata apenas de compêndio de regras sobre a língua, i.e., de um manual que normatize seu uso para toda e qualquer comunicação, seja escrita ou falada. Ainda assim, a prescrição gramatical não abarca usos diversos da língua ou influências extralinguísticas.

Consideramos que o vocábulo *gramática* possui diversas denominações, de acordo com a forma como é empregado, ou seja, “normalmente, quando as pessoas falam em *gramática*, desconhecem que podem estar falando não de uma coisa só, mas de coisas bem diferentes” (ANTUNES 2007, p. 25). O termo *gramática* pode estar associado às regras que definem o funcionamento de determinada

língua, o saber intuitivo que todo falante tem de sua própria língua. Em outra concepção, *gramática* também pode ser entendida como as regras que estabelecem os parâmetros de validação e funcionamento de determinada norma (FARACO 2008, 2022). Além disso, há ainda a cunhagem do termo como perspectivas de estudo, como a “gramática gerativa”, a “gramática estruturalista”, e a “gramática funcionalista”; ou uma tendência histórica, como a “gramática tradicional”. Ainda, tal termo *gramática* pode corresponder às aulas de língua portuguesa sobre estruturas sintáticas e análises de segmentos com uma metalinguagem definida. Assim como pode corresponder ao livro/manual de regras normativas da língua, utilizado no ensino formal, em geral empregado em escolas de níveis fundamental e médio, como exemplo a “*Gramática* de Celso Cunha”.

Com o objetivo de especificar alguns conceitos de gramática, em um primeiro momento vamos abordar alguns deles. Em seguida, faremos uma discussão sobre excertos de algumas gramáticas, como compêndios gramaticais, no que diz respeito ao uso dos pronomes pessoais, em específico. Por fim, traremos uma proposta de ensino sobre os pronomes pessoais em sala de aula, por meio de uma abordagem sociolinguística aplicada a estudantes de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal³⁴.

Norma e gramática como conceitos chaves para ensino

Vislumbramos a existência de várias concepções do termo *gramática*, e, além disso, que cada falante tem dentro de si um sistema organizado de entendimento da sua língua. O que nos resta saber é se

³⁴ Pesquisa realizada com aprovação do CEP/CAAE 9126.9617.1.0000.5152 parecer número 2.829.404.

vamos, no ensino de português, nos prender às prescrições da norma padrão (FARACO 2022) ou se daremos margem para discussão sobre outras variedades linguísticas a fim de obtermos um ensino efetivo, “haja vista a pluralidade de normas e variedades que envolvem a nossa língua” (SANTANA 2017, p. 33).

Com base nessas percepções, Antunes (2007, p. 26) apresenta especificações sobre o termo *gramática*, mas com ênfase maior às que estão relacionadas aos estudos sociolinguísticos. A concepção de gramática com maior destaque é a de possuir um conjunto de regras que definem o funcionamento de uma língua:

abarca todas as regras de uso de uma língua. Envolve desde os padrões de formação das sílabas, passando por aqueles outros de formação de palavras e de suas flexões, até aqueles níveis mais complexos de distribuição e arranjo das unidades para a constituição das frases e dos períodos (ANTUNES, 2007, p. 26).

É neste sentido que a autora afirma não existir língua sem gramática nem seu oposto, isto é, a gramática fora da língua. Congruente a tal informação, é sabido que toda língua é regulada por uma gramática, não as regras contidas em um livro em si, mas um conjunto de regras de organização das palavras e frases que são aprendidas naturalmente, de acordo com as experiências de seus usuários, de suas tentativas de comunicação, de ouvir e de falar cotidianamente. Para Antunes (2007, p. 29), “o papel da escola, pois, é de ampliar esses saberes”.

Na realidade da sala de aula, percebemos que os alunos não deixam de se comunicar pelo fato de possuírem, em algum aspecto, dificuldades em relação ao domínio das regras da norma culta. Nesse sentido, inconscientemente, os falantes jovens já internalizaram seu

conhecimento da gramática do português, de regras gramaticais específicas não prescritivas, que diferenciam a língua portuguesa de outras. Percebemos que uma criança mesmo sem ir à escola domina sua língua, (ou seja, domina a gramática da sua língua), pois a aprendeu naturalmente em contato com outros falantes e irá se comunicar por meio da(s) variedade(s) linguística(s) a que foi exposta (cf. KENEDY, 2013). Por exemplo, a criança sabe conjugar verbos em diferentes modos e tempos, sabe que no português a ordem canônica é sujeito - verbo e sabe realizar a marcação de plural, mesmo que seja só no primeiro elemento do sintagma ou da frase, como é comum no português brasileiro coloquial (cf. Costa e Figueiredo Silva, 2006³⁵). Portanto, os falantes detêm uma forma natural de comunicação, internalizada e disponível a todos os seres humanos:

a gramática da língua, no sentido de “gramática interiorizada”, de conhecimento das particularidades da gramática da língua nativa, faz parte do conjunto de saberes que as pessoas desenvolvem desde a mais tenra idade (ANTUNES, 2007, p. 26).

³⁵Costa e Figueiredo Silva (2006), ao realizar um estudo comparativo sobre as propriedades do sintagma possessivo no Português Europeu e no Português Brasileiro, verificaram que existem algumas diversidades para aplicação de concordância entre estas variedades dada a existência de diferentes processos morfológicos que ocorrem internamente ao sintagma nominal possessivo nos dias de hoje. Os autores investigaram a concordância de número, buscando descrever o comportamento do PE e PB e encontraram evidências sobre o posicionamento sintático de concordância, o que distingue a gramática do PB da gramática do PE. Seguem alguns exemplos simplificados.

- (i) Os carros são lindos. (Português Europeu)
- (ii) Os carro são lindo. (Português Brasileiro Popular 1)
- (iii) Os carro é lindo. (Português Brasileiro Popular 2)

Não podemos pressupor, então, que apenas a norma culta siga uma gramática. As línguas funcionam a partir de um conjunto de regras que operam em variadas esferas como organização sintática, semântica, lexical, morfológica e são reguladas de acordo com suas situações de uso. O problema, levando em consideração o ensino da língua, é existir o favorecimento de uma gramática, a lusitana, pautada na norma padrão da língua (abstrata e restrita muitas vezes a situações irreais de uso), em detrimento de outras variedades linguísticas amplamente utilizadas no Brasil. Ao priorizarmos uma norma via instituição de ensino, desprezando as demais normas normais (FARACO 2008), sem considerar as situações de nosso uso cotidiano, traremos prejuízos para a própria consolidação dos conhecimentos linguísticos do falante, atingindo sua "auto estima" linguística e gerando preconceitos (cf. CYRANKA 2015). Neste sentido, podemos perceber que:

De um lado, temos a norma-padrão lusitanizante, ideal de língua abstrato, usado como verdadeiro instrumento de repressão e policiamento dos usos linguísticos; do outro, temos as diversas variedades cultas, usos reais da língua por parte das classes sociais urbanas com escolaridade superior completa (BAGNO, 2002, p. 185).

Há uma prevalência em se perpetuar o ensino da gramática lusitana em detrimento da língua que realmente usamos em nosso dia a dia, não só alunos, mas todos os falantes da língua portuguesa no Brasil. A ideia de Bagno (2002, p. 185), sobre a língua como instrumento de repressão e policiamento, coaduna-se à de Antunes (2007, p. 94), sobre a norma padrão ser um projeto que, para muitos, visava certa uniformidade linguística, com o objetivo de criar uma língua comum, estandardizada, com ênfase no geral, sem preocupar-se com certas particularidades da língua e consequentemente representar a classe de

prestígio em relação ao uso dessa variedade. Logo, a norma socialmente prestigiada não é a única norma linguisticamente válida, tendo em vista as variedades linguísticas usadas no Brasil, em suas mais diversas situações de uso e nas suas distintas regiões. Por fim, implicações acerca do uso de uma norma em detrimento de outra pode causar prejuízos para o ensino da língua, visto que não há normas melhores nem mais bonitas, lógicas ou puras, conforme Faraco (2008, p. 42). Portanto, Antunes (2007, p. 91) afirma que, para qualquer situação, o importante é saber selecionar a maneira de falar mais adequada ou mais esperada à situação.

De uma forma geral, apenas quando chegam à escola que os falantes se veem em meio a um emaranhado de regras, muitas delas na contramão do uso cotidiano, momento no qual os alunos são convencidos de que não sabem a língua portuguesa, pois em muitos casos a norma que a escola quer ensinar não é a mesma que o aluno domina ou convive minimamente. O papel da escola é permitir que o aluno tenha acesso e domínio da norma culta, entretanto, esse ensino deve ser capaz de acolher os conhecimentos linguísticos do falante, sem desvalorizar a(s) norma(s) que ele já conhece. Há necessidade de uma mudança de abordagem sobre o ensino de língua portuguesa no Brasil para que os alunos possam absorver as regras de uso exigidas pela norma culta/padrão por meio de exemplos comparativos com a sua variedade linguística para que a partir daí possamos dar prosseguimento para etapas mais complexas ou mais rebuscadas em relação à conceitos normativos/ prescritivos. Para Antunes (2007),

a gramática na língua vai sendo aprendida naturalmente, quer dizer, na própria experiência de ir fazendo tentativas, ouvindo e falando. Não há um momento especial nem uma pessoa específica destinados ao ensino dessa gramática. Ela vai sendo incorporada ao conhecimento

intuitivo, pelo simples fato de a pessoa estar exposta à convivência com os outros, a atividades sociais de uso da língua, das conversas familiares às atuações mais tensas e formais. Ou seja, essa gramática está inerentemente ligada à exposição da pessoa aos usos da língua. A escola virá depois; para ampliar (ANTUNES, 2007, p. 28).

A gramática, quando considerada um conjunto de normas reguladoras do uso da língua, não abarca toda sua realidade, pois contempla apenas aqueles usos considerados aceitáveis na ótica da norma socialmente prestigiada (cf. FARACO, 2008 e FARACO & ZILLES, 2017). Enquadra-se, portanto, no domínio do normativo, o qual define o “certo”, como “deve ser a língua” e, por oposição, aponta o “errado”, como “não deve ser dito”, sem nenhuma transposição para a realidade linguística dos alunos, pois muitas vezes o que é reconhecido como “certo” também não é utilizado pelos próprios professores e restrito a situações extremamente formais da língua escrita ou restrita à variedade lusitana. Assim, segundo Faraco (2008):

[...] a palavra norma tem, no uso contemporâneo, dois sentidos. No primeiro, norma se correlaciona com normalidade (é norma o que é normal). No segundo, norma se correlaciona com normatividade (é norma o que é normativo). Nos estudos linguísticos, norma designa primordialmente aquele conjunto de fenômenos linguísticos que são correntes, habituais (“normais”) numa determinada comunidade de fala. No funcionamento monitorado da língua, porém, a palavra norma é usada com o sentido de preceito, isto é, designa aquilo que tem caráter normativo, que serve, no interior de um projeto

político uniformizador, para regular explicitamente os comportamentos dos falantes em determinadas situações. (FARACO, 2008, p. 74)

Nesse sentido, é importante validar ambos conceitos de norma para a escolarização, mas que partam do seu uso real, pautados em exemplos reais da língua, de textos e situações comunicativas que permitam ao aluno perceber suas diferenças e não como forma de "uniformização" de ensino. É necessário ensinar sobre a(s) norma(s), seus usos, reconhecimentos e situações a fim de não normatizar ou padronizar a língua, pois ao restringir suas variações pode indicar uma "imutabilidade" linguística inexistente.

É preciso conceber o termo *gramática* como “uma perspectiva científica ou um método de investigação sobre as línguas” (ANTUNES 2007, p. 31), ou seja, como diferentes formas de se investigar o uso da língua, seja em relação a ela como sistema, como conjunto de signos à disposição dos falantes, seja como voltadas para os usos reais que os interlocutores fazem da mesma, nas diferentes situações sociais de interação verbal.

A autora aponta a restrição do termo *gramática* como uma disciplina de estudo que, neste sentido, é mais comumente usada nos meios escolares:

é tal a ênfase nessa disciplina que, de uns anos para cá, até mereceu uma carga horária especial, separada das aulas de redação e de literatura, como se redigir um texto ou ler literatura fossem coisa que se pudesse fazer sem gramática; ou como se saber gramática tivesse alguma serventia fora das atividades de comunicação (ANTUNES, 2007, p. 32).

Muitas vezes, nós, professores, prendemo-nos a tal enfoque, sem percebermos que este sentido simplista diminui a própria visão dos alunos em relação à língua, limitando-se a uma visão de que se estuda *gramática* apenas nas aulas de gramática, não em redação, não em literatura; assim como não em história, em geografia ou em matemática. Daí surge a visão de que nestas aulas singulares é preciso usar um livro, como se fosse um manual, cuja função é meramente verificar como se dão as instruções do uso da norma padrão, desde a fonética até a estilística, por exemplo. Ou seja, como manual de uniformização e padronização da língua que é usado na escrita ou em gêneros formais e que acaba por se "estender" a toda e qualquer norma existente, sem deixar possibilidade para variação.

Na verdade, o ideal seria que um compêndio de gramática pudesse, também, focalizar a língua nos seus usos reais, testemunhados pelas situações de interação social. Antunes (2007, p. 33) ressalta, ainda, que tais livros poderiam aferir “aspectos de flexibilidade, de heterogeneidade da língua”, não simplesmente enfatizar a rigidez de algumas de suas regras ou formas. De maneira geral, as gramáticas da língua portuguesa utilizam muitos exemplos da modalidade escrita da língua, e mais recentemente trazem exemplos retirados da imprensa ou reais da língua, como a “Gramática Pedagógica do Português Brasileiro” de Bagno (2014).

A seguir, exemplificamos a discussão com trechos sobre os pronomes pessoais encontrados em gramáticas. Escolhemos fragmentos de algumas gramáticas com objetivo de descortinar a forma como tais livros retratam a classificação e uso dos pronomes.

Gramáticas: análise quanto aos estudos do emprego dos pronomes pessoais

Nesta seção, faremos uma descrição de como as gramáticas, como compêndios gramaticais utilizados na escola, abordam o emprego dos pronomes pessoais, tendo como contraponto, uma visão linguística dessas abordagens.

Para o presente estudo, utilizamos as seguintes gramáticas: *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*, de José de Nicola; *Novíssima gramática da língua portuguesa*, de Domingos Paschoal Cegalla; *Gramática em Texto*, de Leila Lauer Sarmiento e *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

A seguir, apresentamos a abordagem da “Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa” quanto ao conceito dos pronomes pessoais e suas funções na construção das orações.

2.1 Pronome pessoal

Pronome pessoal é aquele que indica as pessoas do discurso. Além das flexões de gêneros (masculino/feminino), número (singular/plural) e pessoa (1ª/2ª/3ª), o pronome pessoal apresenta variações de forma, conforme a função por ele exercida na oração, podendo ser reto ou oblíquo.

Será reto quando exercer a função de sujeito da oração:

“Eu vou na esquina de lá, senão ele escapa outra vez!”

No exemplo, os pronomes eu e ele exercem a função de sujeito das orações. O pronome eu indica a primeira pessoa do discurso (a que fala), e o pronome ele indica a terceira pessoa do discurso (de quem se fala).

Será oblíquo quando exercer a função de complemento:

“Mamãe comeu tanto peru que um momento imaginei, aquilo lhe podia fazer mal.”

Observe o *lhe* da frase acima: é um pronome pessoal que indica a terceira pessoa do discurso (... comeu tanto que podia fazer mal... Mal a quem? A ela, no caso, mamãe). Exerce a função de complemento verbal (objeto indireto).

Fonte: NICOLA, José de. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1997, p. 198.

Neste primeiro exemplo, a “Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa” – livro que possui bom conceito entre seus usuários de séries do ensino fundamental, anos finais, e ensino médio – demonstra a classificação dos pronomes, sem conceitos nem exemplificações. Após, traz algumas observações de uso dos pronomes pessoais. O trecho em questão foi selecionado justamente pelo fato de os autores retratarem o uso dos pronomes retos como sujeito (“Eu vou na esquina de lá, senão ele escapa outra vez!”) e oblíquos como complementos verbais (“Mamãe comeu tanto peru que em um momento imaginei, aquilo *lhe* podia fazer mal.”). Além dos exemplos da norma culta, objeto de ensino escolar, seria importante apontar outros usos possíveis para o emprego do pronome. Entretanto, não há sequer a indicação da possibilidade de os pronomes retos serem usados, mesmo que informalmente, como complementos verbais diretos (por exemplo, “Eu encontrei *ela* entrando em casa mais cedo”), o que permitiria uma visão mais concreta da língua em situações reais de uso.

O próximo trecho retirado da “Novíssima gramática da língua portuguesa”, explica como os pronomes pessoais oblíquos representam as pessoas do discurso como complementos verbais.

Pronomes pessoais são palavras que substituem os substantivos e representam as pessoas do discurso.

As pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais) são três:

1ª pessoa

a quem fala: eu, nós

2ª pessoa

a com que se fala: tu, vós

3ª pessoa

a pessoa ou coisa de que se fala: ele, ela, eles, elas

Os pronomes pessoais dividem-se em retos ou oblíquos:

pronomes retos

Funcionam, em regra, como sujeito da oração.

oblíquos

Funcionam como objetos ou complementos.

Fonte: CEGALLA (2008, p.180)

O exemplo acima detém a explicação mais básica dentre todos os exemplares selecionados, devido ao fato de que apenas informa quais são os pronomes retos e como são usados, sem ao menos determinar exemplificações. O trecho em questão, que trata do assunto em pauta, encerra-se neste ponto, pois a continuação já inicia a explicação sobre as demais classificações da classe gramatical pronome.

O próximo trecho foi retirado de “Gramática em Textos” quanto ao uso dos pronomes pessoais retos quando empregados como complementos verbais.

Os pronomes ele(s), ela(s), nós e vós serão oblíquos quando empregados como complementos de um verbo e vierem precedidos de preposição:

O rapaz dançará esta música *com* ela.
(preposição)

Fonte: SARMENTO, Leila Lauar. *Gramática em Textos*. São Paulo: Moderna, 2005. p. 160.

O trecho acima traz a explicação de como usar os pronomes ele(s), ela(s), nós e vós como pronomes retos ou oblíquos em que há o emprego de uma preposição apenas. Assim, não há exemplos que indiquem o uso, seja ele adequado ou inadequado dos pronomes retos como complementos verbais diretos.

Por último, o trecho em análise é do livro “Nova gramática do português contemporâneo” que explica o funcionamento dos pronomes pessoais na fala “vulgar e familiar” do Brasil.

4. Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito frequente o uso do pronome ele(s), ela(s) como objeto direto em frases do tipo:

Vi ele. Encontrei ela.

Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada.

5. Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, perfeitamente legítimas, em que o pronome em causa funciona como objeto direto.

Assim:

a) quando, antecedido da preposição a, repete o objeto direto enunciado pela forma normal átona (o, a, os, as):

Não sei se elas me compreendem

Nem se eu as compreendo a elas.

(F. Pessoa, OP, 160)

Fonte: CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 281.

O derradeiro exemplo foi selecionado devido ao uso como fonte para diversas provas no país, desde vestibulares a concursos públicos. Tal gramática é a única que retrata o uso dos pronomes de forma mais completa. Os autores indicam o uso dos pronomes ele(s) e ela(s) como objetos diretos (“Encontrei ela”) de um modo mais coloquial, devido a raízes históricas do idioma, mas como formas que "devem ser evitadas".

Tendo como consulta os exemplos de fragmentos das gramáticas, podemos assinalar que a maioria dos livros selecionados traz uma visão superficial acerca do uso dos pronomes, sendo necessário mais exemplos distintos. Em alguns casos, há especificidades sobre o uso no contexto, mas, muitas vezes, de modo simplista. É importante ressaltar que as gramáticas normativas, conforme as exemplificadas acima, não servem como material de investigação científica, pois suas abordagens são prescritivas e não descritivas ou investigativas³⁶. A seguir, trazemos uma sugestão aos professores de educação básica para abordar o uso dos pronomes pessoais, como uma “regra” gramatical, sem deixar de lado a realidade do uso da língua.

³⁶ Elas prescrevem, fazem juízo de valor, ditam normas em oposição ao que as ciências fazem. Já a ciência descreve sem julgamentos ou restrições. Tais abordagens foram inseridas neste trabalho porque discorrem sobre o tema desta pesquisa, mas não servem como ponto central, apenas como comparativo entre o “ideal” prescritivo com o “real” usado na língua

“Gramática” x Variação linguística: como trabalhar os pronomes pessoais em sala de aula?

As gramáticas não mostram a língua em uso, o real, mas algo idealizado, parado no tempo, e assenta-se para outras questões como forma de tentar frear a variação linguística, privilegiando a norma padrão de origem lusitana em detrimento da língua coloquial, falada e usada cotidianamente em vários gêneros. Assim, percebemos pelas gramáticas que as variantes mais prestigiadas são as que seguem normas rígidas de uso, sem a menção de outras variantes mais populares, mesmo que para indicação de modo coloquial de acionamento da língua.

Por meio da pedagogia da variação linguística, buscamos uma proposta de ensino a fim de sugerir, para alunos e professores, situações adequadas para escolha de construções sintáticas reais, tendo como foco o uso dos pronomes pessoais.

Apresentação da oficina “Situações de uso dos pronomes acusativos”

A oficina teve por objetivo explicar como ocorre a variação estilística no processo comunicativo de acordo com situações de uso, a partir de textos de gêneros diversificados. A proposta intencionou fazer com que os alunos, de uma forma lúdica, identificassem as formas variáveis de uso dos pronomes (do caso reto ou oblíquo) pelo viés da variação estilística de acordo com nível mais ou menos formal da língua (cf. Severo (2014) e da Hora (2014)). Além disso, o professor trabalhou conceitos sobre adequação linguística, conforme estudo de Bortoni-Ricardo (2004), que identifica como nós, usuários da língua, adaptamos a linguagem de acordo com a necessidade do momento, isto é, o uso

pode ser de uma variedade padrão e outra mais popular, as quais devem ser empregadas em situações específicas de comunicação.

As oficinas foram realizadas com uma turma de 9º ano – séries finais do ensino fundamental – de uma escola pública do Distrito Federal que já estava sendo mobilizada ao longo do semestre com a discussão de conceitos de sociolinguística e variação linguística, como aplicação de ensino da pesquisa do PROFLETRAS³⁷. Para o presente trabalho, mencionamos um recorte de atividades que tratam especificamente de uma análise comparativa de estruturas sintáticas distintas do PB e PE. Dessa maneira, nos baseamos nos princípios da pedagogia da variação linguística (BORTONI-RICARDO 2005, 2011, 2014, 2021, FARACO 2008, 2015 e ZILLES & FARACO, 2017) para que fosse possível dar uma orientação mais reflexiva com relação ao conteúdo das propostas e para que os alunos fossem colocados como protagonistas de suas aprendizagens e desdobramentos de discussões.

As oficinas que foram descritas neste trabalho tiveram a duração de 2 horas/aulas de 50 minutos, estabelecendo um total de 100 minutos e foi realizada com a participação de 10 (dez) estudantes de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. A depender das atividades desenvolvidas, os partícipes foram divididos em grupos. Apresentaremos os dados coletados por meio de gravação em áudio e posterior transcrição, além de imagens das atividades escritas. Os dados gravados e transcritos foram originados por intermédio de debates realizados a partir de questionamentos direcionados. Os dados coletados ilustram o pensamento crítico deles quanto ao uso dos pronomes acusativos de

³⁷ É preciso salientar que a turma já estava sendo motivada com discussões sobre mudança linguística, variação linguística e conceitos gerais sobre diferenças entre língua falada e língua escrita, ou seja, havia um trabalho prévio com os alunos a respeito de conceitos sociolinguísticos e outras abordagens a respeito.

terceira pessoa. Ademais, optamos por não repetir todos os textos contidos na oficina, mas inserir as respostas dos estudantes e as análises realizadas.

Oficina “Situações de uso dos pronomes acusativos”

Organizamos a proposta de ensino em oficinas em que primeiramente havia uma apresentação geral e discussão sobre o tema, a saber, um *brainstorming* sobre conhecimento linguístico do falante, língua e gramática. O professor promoveu uma reflexão sobre como usamos a língua, dependendo da situação de uso, com graus maiores ou menores de monitoramento e adequação ao uso. Para que a discussão priorizasse a opinião dos alunos em relação às situações de uso da língua, houve um primeiro debate, cujas reflexões estão elencadas a seguir:

1) Quando vocês estão conversando entre si, a linguagem é mais espontânea ou alguém fica pensando se tal expressão ou construção da frase está correta?

Em geral, os alunos apontaram que a linguagem é mais espontânea, pois nas conversas diárias não há tempo para ficar pensando nas regras do português, mas naquilo que realmente querem dizer. Todos estavam de acordo que a quantidade de regras que eles têm que aprender na escola faz com que a língua se torne "difícil" e desmotivadora. Os alunos 2 e 4 representaram muito bem as ideias defendidas pelo grupo no tocante a essa questão:

A2: “Ah, professor, tem regra demais. Eu fico perdidinho quando vou ter que apresentar algum trabalho ou coisa assim. Mas nas conversas normais, eu nem ligo se tá tudo certo ou não”.

A4: *“Eu também, professor. Eu até que tiro nota boa em português e procuro falar com mais cuidado. Mas nas conversas com a galera não fico pensando em regra não. Vou falando e só”.*

2) *No momento de apresentar um trabalho na escola, por exemplo, há uma preocupação maior ao falar?*

Como muitos responderam, essa preocupação existe, mas não foram todos que manifestaram a ideia de que monitoram a fala em apresentações. Os alunos 7 e 9 exemplificaram ideias distintas sobre o mesmo assunto em pauta:

A7: *“Minha mãe, que é professora, me cobra mais para eu falar certo. Então eu tenho mais cuidado, não fico dizendo ‘pra mim fazer’, por exemplo (risos). Mas às vezes, principalmente nas conversas, eu não sigo tudo que vejo em sala”.*

A9: *“Já eu não, professor. Eu falo de qualquer jeito mesmo...(risos). Na minha família, o povo fala errado e fica meio difícil eu seguir o que a escola ensina. Até que eu consigo passar na matéria, mas falar, falar certinho tudo eu não consigo não.”*

3) *E se fosse, por exemplo, em um evento na igreja ou em outro local em que vocês fossem apresentar algo, haveria uma preocupação maior ainda em como comunicar a informação?*

De modo geral, os alunos disseram que deveriam realmente ter uma preocupação maior. Alguns falaram que, como possuem mais facilidade com a língua, seguem com maior proximidade às regras ensinadas na escola, mas outros, por não terem tanta facilidade, não se preocupam muito e transmitem as informações com as percepções individuais de comunicação. Neste ponto, o professor indicou que não há certo ou errado na língua; há o adequado ou inadequado. Em algumas situações de uso, é importante monitorar mais a forma como a comunicação é

transmitida, mas em situações de informalidade, essa preocupação é dispensada.

4) É mais fácil seguir aquilo que a gramática taxa como certo se escrevermos antes o que vamos comunicar?

Todos concordaram com a informação da questão. Se eles escrevem o texto antes para depois ler, como em apresentações na escola, fica bem mais fácil seguir os ditames da gramática escolar. Falar de forma espontânea traz dificuldade porque exige um nível comunicativo que muitos ainda não possuem. Os alunos 3 e 7 representaram essa ideia:

A3: “Eu, quando vou apresentar trabalho aqui na escola, procuro escrever antes para não ficar errando na hora de falar.”

A7: “Eu também, mas na hora sempre erro alguma coisa...(risos). É bem difícil ficar pensando no que falar e falar ao mesmo tempo”.

5) Mas será que sempre devemos seguir as regras da gramática que aprendemos nas aulas de português?

Nesta questão, todos disseram que, como existem muitas regras, fica difícil seguir sempre aquilo que aprendem, além do que até para aprender é difícil, porque não usam as regras ensinadas nas comunicações diárias. Assim, há um ciclo vicioso: os alunos não aprendem porque não usam as regras gramaticais; e não usam tais regras porque não aprendem. Esta concepção, pois, mostra bem a realidade do ensino de língua portuguesa. Como há um engessamento da língua em "certo ou errado", aquilo que foge ao "certo" é rechaçado pelos que detém o conhecimento linguístico, como os professores de português. E isso é desmotivador para os alunos; encorajando, pois, o preconceito linguístico, o qual deve ser combatido. Devemos quebrar os mitos que cercam a fala “correta” da língua, principalmente conscientizando as pessoas da pluralidade e da diversidade cultural

presentes no Brasil. Existem muitas variantes de região para região e nenhuma delas deve ser menosprezada por ser diferente. O interessante, então, é mostrar que a língua é fluida e pode ser visualizada em um modo *continuum* de variedades e normas que são adequadas às mais diversas situações de uso.

6) *Em quais momentos, então, podemos seguir ou não tais regras?*

Os alunos apontaram que deve haver um maior monitoramento da língua em apresentações escolares, eventos sociais (como na igreja), no trabalho. Isso demonstra que eles entendem que há situações diversas de acionamento da língua e isso é o mote para demonstrar, no caso do uso dos pronomes clíticos, como adequar a comunicação para cada situação de uso.

Após o debate, foi solicitado que os alunos, em grupos, lessem alguns fragmentos de textos e os reescrevessem, passando para o tipo de adequação e monitoramento solicitado³⁸. As respostas obtidas estão contidas a seguir.

Atividade: passar o texto para o português mais formal em uma cidade urbana.

Fragmento 1

- Dia cumade! O cumpade tá?

- num tá não... Foi caçá paca, lá pras banda do matão...

³⁸ Buscamos fazer esta atividade usando o conceito dos três contínuos, consoante Bortoni-Ricardo (2004), como material base na construção do exercício apenas, sem a pretensão de ensinar formalmente esse conteúdo aos alunos partícipes da pesquisa, pois fugiria deveras da intencionalidade da aplicação.

- oia, cumade que naquelas banda, tem onça pintada! O cumpade foi ansim mermo?
 - i num é que foi? I eu disse pra ele: 'home, oia que é perigoso'...
 - i que foi que ele respondeu?
 - a onça vem i eu pego ela di jeito, muié, num si priocupe... Qué entrá un poco, i prová da minha cumida, cumpade?
 - obrigado por mi ofrecê da sua cumida, cumade, má agora mi vô mermo!
- Fonte: Poesias: o melhor da web

Resposta do fragmento 1

- Bom dia madrinha! O padrinho está?
 - Não está não... foi caçar paca, lá no meio do mato...
 - Olha, madrinha que naquela região, tem onça pintada! Ele foi assim mesmo?
 - Ele foi mesmo assim? Eu disse para ele: 'Papaz lá é perigoso!'
 - O que foi que ele respondeu?
 - É onça não, eu pego ele de jeito, mulher não se preocupa. Quem entra num gramma, é pra comer da minha cumida?
 - Obrigado por me oferecer cumida, madrinha agora agora eu vou indo!

Transcrição da resposta:

- Bom dia madrinha! O padrinho está?
- Não está não... foi caçar paca, lá no meio do mato...
- Olha, madrinha que naquela região, tem onça pintada! Ele foi assim mesmo?

- Ele foi mesmo assim? Eu disse para ele: 'Rapaz lá é perigoso'...

- O que foi que ele respondeu?

- A onça vem e eu pego ele de jeito, mulher. Não se preocupe... Quer entrar um pouco, e provar da minha comida?

- Obrigado por me oferecer comida, madrinha mas agora eu vou indo!

Atividade: passar o texto para o português mais informal em uma cidade do interior.

Fragmento 2

Leve o carro a uma garagem ou outro espaço com chão plano e área de trabalho suficiente.

Deixe o veículo parado por 5 a 10 minutos para aquecer o óleo e tome muito cuidado ao lidar com óleo morno ou quente.

Coloque o carro no ponto morto, remova as chaves e acione o freio de mão. Saia do veículo.

Instale blocos ou calços nas rodas para segurar os pneus. Os blocos devem ser colocados nos pneus que ficarão no chão.

Localize os pontos de elevação do carro. Caso não tenha certeza de onde eles estão, verifique o manual do veículo para obter especificações.

Fonte: Wiki how: Trocar o óleo do carro

Resposta do fragmento 2

Peque o carro e leve para garagem ou para lugar com espaço suficiente.
Deixe o carro parado por um tempo até esquentar o óleo e cuidado pra não se queimar.
Deixe o carro parado, tire as chaves e puxe o freio de mão.
Saia fora do carro.
Bote pedras atrás do pneu. As pedras no chão vão segurar o pneu.
Procure o painel do carro. Se você não saber onde é, olhe a folha que eles entregam e acompanhe os documentos do carro.

Atividade: passar o texto para o português mais formal em uma apresentação de reportagem. Fragmento 3

Vida de Corno, Falcão

Ei! Você meu amigo
Que está sorrindo com o que eu passei
Cuidado com a sua cabeça
Pois amanhã será sua vez
Você passa a noite fora
E quem é que garante que o Ricardão
Não come a sua comida
E dorme tranquilo no seu colchão
Ela não me respeitou
E tome gaia
Foi embora e quer voltar
E tome gaia
Mas eu não vou aceitar
E tome gaia
Nessa casa seu retorno
Não quero viver outra vez uma vida de corno
Fonte: Letras de música Br: Falcão 133675

Resposta do fragmento 3

Cuidado os famintos que não acordam e não dormem em sua casa. Outros como pede comer sua comida e dormem na sua cama. Ela não te respeita e te trai quando você des-cubrir e quiser terminar, ela já quer se reconciliar.

Atividade: passar o texto para o português mais formal em um texto de jornal escrito.

Fragmento 4

Ceilândia na cena, viela, expansão

Onde fiz a minha história, meu irmão

Se liga, irmão, só os fortes sobreviverão

As luzes da cidade escura não ofuscam o meu brilho, não

Firmão vou viver, firmão vou viver

E que é forte, basta crer.

Japão Viela

Fonte: Vai se rimando, Japão Vieira

Resposta do fragmento 4

Em Ceilândia onde eu nasci, está difícil a situação e só os fortes sobrevivem. Por isso eu também tenho que lutar para sobreviver. Meu grupo não ajuda, eu fiz o que mais eu posso. Eu entendi

Percebemos que houve um entendimento razoável por parte dos alunos quanto aos níveis de monitoramento da língua em relação às situações de uso, mas que ainda é necessário maior aprofundamento. Muitos conseguiram realizar a adequação do texto para o monitoramento solicitado sem muitas dificuldades. Isso mostra que os alunos possuem a compreensão de que a língua, mesmo repleta de formalidades e regras específicas, pode ser maleável e se moldar a cada situação real de uso. Entretanto, os alunos que trabalharam a atividade do 2º fragmento de texto, tiveram mais dificuldade em realizar a adequação devido a 2 motivos: primeiro, não conseguiram entender, de fato, como é feita essa adequação linguística; e, segundo, não houve uma participação efetiva de todos, pois somente um aluno se prontificou a realizar a atividade. Ao questionar o grupo do porquê da não participação de todos, alguns alunos disseram que a realidade linguística solicitada na atividade não os representa como usuários da língua. Não houve, portanto, uma visão crítica do 2º grupo sobre a percepção da importância de conhecer a língua para que possa haver uma adequação a diversas situações de uso, seja mais formal ou mais informal.

Considerações sobre a 2ª AULA

Neste momento da oficina, o professor trabalhou diretamente com os pronomes acusativos de 3º pessoa com o objetivo de elencar como as formas de uso desses pronomes (uso do pronome clítico, do pronome lexical, do sintagma nominal e do objeto nulo) se apresentam nas mais diversas comunicações.

O professor, por meio de textos de gêneros diversificados elencados a seguir (trechos de romances, charge, tirinhas e frases criadas), questionou o uso das quatro formas mais comuns dos pronomes retos como acusativos de 3º pessoa da forma mais

monitorada para a menos monitorada. Para cada texto a seguir, os 10 (dez) alunos, em duplas, responderam a três perguntas durante a aula, que teve a duração de 50 minutos. Cada grupo deveria ler os textos apresentados e depois responder a três perguntas sobre pronomes retos como acusativos de 3ª pessoa e se eles estão ou não adequados para os textos contidos na atividade. Para analisarmos aquilo que foi observado pelos alunos, elencamos as respostas dos grupos 1, 2 e 3, pois conseguiram responder com maior clareza o que foi solicitado na atividade.

A seguir, inserimos a atividade solicitada aos alunos e apenas uma resposta de cada pergunta.

ATIVIDADE

Leia os textos a seguir, localize os pronomes usados como complementos verbais e, depois, responda às seguintes perguntas:

- 1) Eles se referem a que tipo de uso: clítico, lexical, sintagma nominal ou objeto nulo?*
- 2) O uso do pronome se adequa ao texto? Por quê?*
- 3) Se você considera o texto mais informal, reescreva o trecho que contém o pronome acusativo de um modo mais formal. Caso você considere o trecho mais formal, reescreva o trecho com o pronome acusativo, tornando-o mais informal.*

Textos usados nesta atividade

Figura 01: Meme “Neymar”



Fonte: Revista **Quem**. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Essa-E-Nossa/noticia/2014/06/brasil-x-camaroes-veja-os-melhores-memes-deste-jogo-da-copa-do-mundo.html>

Figura 02: Tirinha “Garfield”



Fonte: Atividades de português e literatura. Disponível em: <http://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com/2015/11/interpretacao-tirinha-garfield-funcao.html>

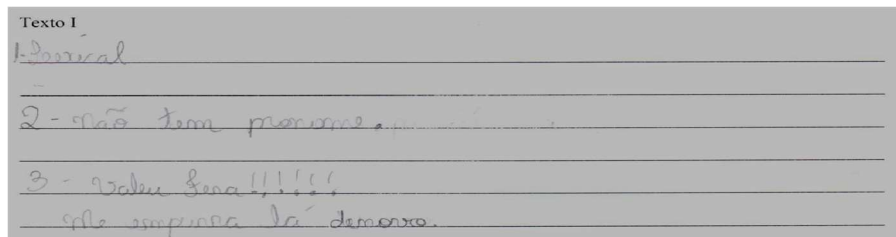
Figura 03: Tirinha “Mafalda”



Fonte: Wordpress. Disponível em:

<https://ramoscheiosdeamoras.wordpress.com/2011/04/21/a-diferenca-entre-homem-e-mulher-explicada-em-tirinhas/>

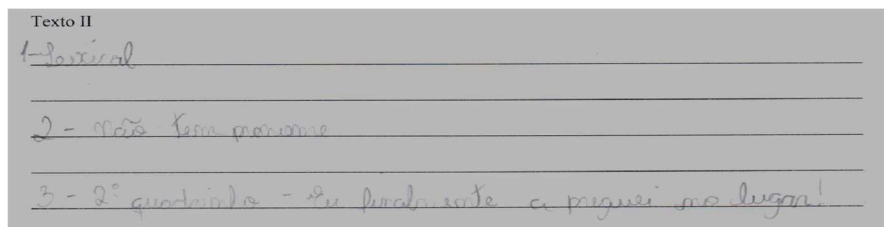
Resposta do grupo 1



Transcrição da resposta:

1. Lexical.
2. Não tem pronome.
3. Valeu Fera!!!!!!
Me empurra lá denovo.

Resposta do grupo 2



Transcrição da resposta:

1. Lexical.
2. Não tem pronome.
3. 2º quadrinho – Eu finalmente a peguei no lugar!

Resposta do grupo 3

Texto III

1- Objeto nulo

2 - Sim, porque percebe-se que apesar da situação não ser formal, a personagem utiliza corretamente o português

3 - Acho que está adequado

Transcrição da resposta:

1. Objeto nulo.
2. Sim, porque percebe-se que apesar da situação não ser formal, a personagem utiliza corretamente o português.
3. Acho que está adequado.

Notamos que a ideia sobre monitoramento linguístico, principalmente quanto ao uso dos pronomes, foi compreendida. No 1º grupo, percebemos que, mesmo tendo confundido a resposta da questão 2, houve uma compreensão em relação ao tipo de pronome utilizado (primeira pergunta) e se havia ou não adequação deste uso em relação ao texto (terceira pergunta). O 2º grupo também não percebeu a presença do pronome no texto II, como se verificou pela resposta da 2ª questão. Mesmo assim, o grupo conseguiu verificar o contexto informal do uso do pronome acusativo, tornando o trecho mais formal. Já o grupo 3, na resposta da segunda questão sobre o texto 3, ainda trabalhou com a ideia de certo ou errado. Assim, fizemos uma reanálise destes conceitos para que todos conseguissem perceber que o mais importante não era determinar se a construção frasal está certa ou errada, mas adequada ou não à situação de uso.

Com base nas leituras dos excertos e nas discussões sobre adequação linguística a contextos mais ou menos formais, finalizamos

a discussão e retomamos os exemplos em que ocorriam os pronomes para instigar os alunos a pensarem na escolha feita. No exercício 3, os alunos não se motivaram a reescrever os trechos em que ocorriam os pronomes, passando para um formato mais ou menos formal exigido. Isso pode ser resultado de desconhecimento das estruturas mais formais com uso dos pronomes oblíquos ou simples falta de interesse na realização da atividade.

As próximas etapas da pesquisa/ prática de ensino foi procurar relacionar os exemplos reais mais ou menos formais às possibilidades de emprego dos pronomes em posição de complemento verbal. Ou seja, as etapas posteriores englobariam questões mais formais/ normativas da gramática do português, mas que já contavam com um embasamento de discussões sobre variação linguística e continuum linguístico (cf. Bortoni-Ricardo, 2005).

Conclusão

As atividades desenvolvidas nas duas aulas das oficinas recortadas para a presente discussão foram bastante importantes, pois servem para trabalhar alguns conceitos reiterados neste artigo, a saber: preconceito linguístico, conforme Bagno (1999), Coelho (2015) e Bortoni-Ricardo (2005); conceitos sobre monitoramento, conforme Bortoni-Ricardo (2005) e em relação à adequação linguística, em concordância ao estudo de Bortoni-Ricardo (2004). Levamos em conta, ainda, para a composição e aplicação das atividades aqui trabalhadas, os estudos sobre variação linguística, conforme estudos de Coelho (2015) e Antunes (2007).

Ademais, tendo em vista os resultados obtidos nas atividades, é possível perceber que ainda há, de fato, um abismo entre o que pregam os compêndios gramaticais, como os apresentados anteriormente neste artigo, e uso real da língua no cotidiano de seus usuários, de

acordo com as respostas dos alunos partícipes da oficina. Queremos apontar que há grande dificuldade dos alunos reconhecerem situações que exigem maior monitoramento linguístico no que concerne à questões de maior ou menor grau de formalidade para o emprego de estruturas sintáticas simples. Os contextos de fala cotidiana são claramente reconhecíveis e compreensíveis pelos alunos, mas quando há necessidade de um conhecimento de expressões mais formais, características da norma culta ou restritas à gêneros formais escritos, percebemos haver quase desconhecimento, não sendo esperado para esse nível de ensino.

No caso dos pronomes oblíquos em posição de complemento verbal, percebemos tal desconhecimento da aplicação de pronomes clíticos por não condizer com a realidade de uso do português brasileiro nem em situações mais formais que se requer uma norma culta. Percebemos que em situações de uso real, os falantes brasileiros, por não dominarem essa "regra da gramática" do emprego do clíticos, optam por usar outras estruturas para preenchimento do complemento do verbo, tais como um substantivo, um pronome do caso reto ou simplesmente apagam o objeto. Assim, o ensino precisa considerar essas diferentes "opções" de uso do complemento verbal no português brasileiro como válidas e reais para, a partir de necessidades situacionais autênticas, sabermos empregá-las adequadamente.

É preciso, portanto, que nós, professores de Língua Portuguesa, possamos ser instrumentos de reflexão do uso da língua, mostrando as diversas variações que ela possui e a importância de se conhecer os instrumentos linguísticos lexicais e sintáticos para que cada usuário possa adequar seu processo comunicativo a cada situação de uso.

Faz-se necessário que o professor, em sua sala, procure esclarecer aos alunos que há outras variantes em curso na língua, a fim de que estes percebam em quais situações, se mais ou menos monitoradas, irão acioná-las.

Não podemos restringir a língua a regras específicas de manuais que ditam o uso do processo comunicativo de documentos oficiais de uma nação ou de gramáticas prescritivas. É importante aproximarmos a língua da realidade (com o uso de diversos gêneros textuais escritos e orais) como mecanismos de reflexão linguística por apreciação de exemplos reais. Precisamos adaptar nosso ensino no Brasil para que a escola possa dar conta de ensinar a gramática normativa de forma mais efetiva. É necessário ensinar sem preterir a norma usada pelos seus falantes para que estes possam se aprofundar nas regras de uso da norma culta em todos os âmbitos, como é papel da escola.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho / Irandé Antunes. - São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada**: limpando "o pó das ideias simples". São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. **Língua, história e sociedade**: breve retrospecto da norma-padrão brasileira. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

BECHARA, Evanildo. / Evanildo Bechara. - 1. ed. - 5. reimpr. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa** / Domingos Paschoal Cegalla. - 48.ed. rev. - São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2008.

COSTA, J. E FIGUEIREDO SILVA, M. C. **Studies on Agreement**. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam, 2006.

CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo** / Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. **A pedagogia da variação linguística é possível**. In: FARACO, Carlos Alberto [et al]. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A.. Norma-padrão e ensino de português no Brasil. **Palavras - revista em linha**, v. 4, p. 45-56, 2021

FARACO, C. A. & ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo, Contexto, 2017.

HORA, Demerval da. **Estilo: uma perspectiva variacionista**. In: variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e proposta de análise. Edair Maria Görski, Izete Lehmkuhl Coelho e Christiane Maria Nunes de Souza (orgs.). Coleção Linguística. V3. Florianópolis: Insular. 2014.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo. Editora Contexto, 2013.

LOPES, Célia Regina dos Santos; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de; CARVALHO, Bruna Brasil Albuquerque de. **A expressão da 2ª pessoa do singular: variação e percepção numa abordagem experimental**. In: TODAS AS LETRAS, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 117-132, maio/ago. 2016 <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p117-132>.

MORATO, G. F. de F. **Monitoramento linguístico: uma proposta de ensino baseada na sociolinguística educacional a partir dos pronomes pessoais**. 2019. 220 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.677>.

NICOLA, José de. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa** / José de Nicola, Ulisses Infante - São Paulo: Scipione, 1997.

SANTANA, J. M. C. P. **Que norma ensinar na escola?** O ensino-aprendizagem do preenchimento do objeto direto como fenômeno variável. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues (org.) Gramática, variação e ensino: diagnose & propostas pedagógicas. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2017.

VIEIRA, F. E. ; FARACO, C. A. . Escrever na Universidade: gramática da norma de referência. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2022. v. 1. 264p

SARMENTO, Leila Lauar. **Gramática em Textos**. São Paulo: Moderna, 2005.

SEVERO, Cristine Gorski. **Estilo, variação linguística e discurso**. In: variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e proposta de análise. Edair Maria Görski, Izete Lehmkuhl Coelho e Christiane Maria Nunes de Souza (orgs.). Coleção Linguística. V3. Florianópolis: Insular. 2014.

NOTAS DE AUTORIA

Simone Azevedo Floripi é Doutora em linguística pela UNICAMP, Professora Associada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), vinculada ao PROFLETRAS (Universidade Federal de Uberlândia). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9584-6302>
Contato: simone.floripi@gmail.com

Giovani Fama é Mestre em linguística pela Universidade Federal de Uberlândia, professor da Secretaria de Estado de Educação do DF.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7314-3489>
Contato: giovani.fama@gmail.com

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

FLORUPI, Simone Azevedo; FAMA, Giovani. "Gramáticas: tipos, análise e ensino de pronomes". **Sobre Tudo**, v. 14, n. 1, p. 175-212, Florianópolis: CA UFSC, 2023.

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Aprovação CEP/CAAE 9126.9617.1.0000.5152 parecer número 2.829.404

Licença de uso

Os autores cedem à [Revista Sobre Tudo](#) os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da [Revista Sobre Tudo](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 29/03/2023

Aprovado em: 29/06/2023

Publicado em: 31/07/2023